

JT
21/11/97 15-A
43

PERFUMES

LEI E CIÊNCIA SE UNEM CONTRA A DEVASTAÇÃO

Ibama faz acordo com empresários para reflorestamento e estudos sugerem troca da utilização de troncos pela folhagem do pau-rosa, principal componente de essências

Elegante senhora exala um perfume inebriante. O que isto tem a ver com a devastação da floresta amazônica? Muito. Árvores de 30 metros de altura e 80 centímetros de diâmetro, as do pau-rosa, são abatidas e têm seus pedaços destilados, para se conseguir um óleo chamado linalol. Esse óleo é estratégico na fabricação de perfumes finos, como os franceses.

Durante décadas, o pau-rosa foi derrubado em silêncio. Agora, a devastação está sendo atacada em duas áreas: a da lei e a da ciência. No primeiro caso, o Ibama, órgão federal que cuida do meio ambiente, está fechando um acordo com empresários para impor um manejo sustentável: para cada árvore derrubada, outras tantas serão replantadas na região.

Na área da ciência, a pesquisa está revelando que simplesmente não é necessário abater a árvore para se obter o linalol. Basta usar as folhagens, nas podas. Esta constatação, ainda em es-

tudo, entusiasma o superintendente do Ibama em Manaus, Amilton Nobre Casara. As pesquisas têm revelado, diz ele, que a concentração do linalol na folhagem é a mesma do que a do tronco.

O pau-rosa é apenas um caso no enredo que envolve também pirataria de material genético. Como se descobre os tesouros da flora amazônica? Em plena floresta, um mateiro vai cheirando as folhas de plantas colhidas ao acaso. Se alguma delas cheirar bem, tiver perfume, o mateiro a separa. É assim que estão sendo descobertos os óleos essenciais "que contêm essências" do maior reservatório mundial dessa matéria-prima estratégica para a indústria de cosméticos e perfumes.

Mais tarde, quando estiver estudado e catalogado, o óleo das folhas polidas pelo mateiro poderá passar pelo crivo de narizes mais qualificados. Um perfumista, geralmente estrangeiro, coloca uma gota em um pa-



Judith Braga Formoso vende ervas no Mercado Municipal de Manaus

pel de filtro e a cheira. Se gostar, poderá surgir uma nova estrela do mundo dos perfumes.

Quantas essências e aromas de frutos (valiosos, na indústria de alimentos) a floresta amazônica possui é um mateiro que se espalha por meio milhão de hectares. Mas pelo menos 500 espé-

cimes já estão catalogados no único banco de dados existente sobre essas ocorrências na Amazônia brasileira.

O banco de dados está sendo conduzido por duas importantes instituições da Amazônia: o Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (Inpa), de Ma-

naus; e o Museu Emílio Goeldi, de Belém. Trabalho iniciado em 1980, recebeu um providencial reforço, em novembro de 1996: US\$ 265 mil, dados pelo PPG-7, o programa de conservação das florestas tropicais bancados pelos países mais desenvolvidos do mundo.

Os trabalhos em torno de cada espécie — que inclui a análise de sua composição química — têm resolvido sérios problemas. No banco de dados, empresários e outros interessados podem constatar que o óleo obtido das folhas da pimenta longa contém mais de 97% de safrol — substância valiosa de exportação, usada pela indústria farmacêutica. O safrol substitui o sassafrás, de Santa Catarina, hoje uma árvore em extinção. Como o pau-rosa, o óleo desejado e obtido de seu tronco.

"A Amazônia tem muitas coisas, mas pouco se conhece, por causa de sua grande extensão", diz Maria das Graças Bichara Zoghbi, do Museu Emílio

Goeldi. Seu colega do Inpa, Arnaldo Iran Reis Luz (ambos do banco de dados), concorda que, apesar dos 500 espécimes do banco, o trabalho está ainda no começo.

As pesquisas comprovam, em alguns casos, que plantas usadas pela população como remédios têm realmente propriedades medicinais. A vindica, diz Maria da Graças, uma folha usada em chá, possui um componente, o terpineol, que é hipotensor (baixa a pressão). As pessoas usam esta folha contra a pressão alta.

No Mercado Municipal de Manaus, nas margens do Rio Negro, as bancas de plantas tidas como medicinais vendem muito. Judith Braga Formoso, de 61 anos, há 38 com banca no mercado, fala de seus produtos: a sacaca é boa para o colesterol, fígado e malária; e a babosa, batida no liquidificador com sabão de coco e água, vira xampu.

Valdir Sanches,
enviado especial a Manaus